

Mensagem de 25 de Novembro 1991

«Queridos filhos...desejo aproximá-los ainda mais de Jesus e do Seu coração ferido para que possam compreender o Seu incomensurável amor, que foi dado a cada um de vós. Queridos filhos rezem para que, dos vossos corações, se espalhe uma fonte de amor para com todo o ser humano, tanto para os que vos detestam como para os que vos desprezam. Deste modo, graças ao amor de Jesus, vós sereis capazes de vencer toda a miséria deste mundo de dor, no qual não há esperança para aqueles que não conhecem a Jesus. Obrigada por todos os vossos sacrifícios e orações. Rezai para que Eu possa continuar a ajudá-los. As vossas orações são-Me necessárias.»

4

O MEU FUTURO NOS ASTROS?

Índia, Outono de 1972.

O homem olhava-me sem indulgência. Os pelos da sua barba, de um branco amarelado, estavam atados na extremidade por um elástico negro, como é habitual ver nestes bairros superpovoados de Deli. Neste mês de Setembro, a monção tinha passado e o ar estava menos sufocante. Da divisão aberta para a viela, ouviam-se os gritos das crianças e o eco de cascos: era o passo indolente das vacas sagradas e não menos famélicas, deambulando diante das tendas do negócio. No chão em posição de lótus, sobre lençóis, que teriam sido brancos, certamente, há uns anos atrás, o homem exprimia-se num tom monocórdico como quem lê um documento administrativo, sem interesse. E no entanto...não era *o livro da minha vida* que ele segurava nas suas mãos!?

Fiz um pacto com Deus

Como boa católica dessa época, conhecia bastante bem o Evangelho, menos as Epístolas, e nem sequer o mínimo do Antigo Testamento. Quanto a querer realizar o plano de Deus para a minha vida, esta ideia era-me totalmente estranha. Pior: ela não iria sequer aflorar-me, porque, inconscientemente, tinha criado sólidos anticorpos a seu respeito. Desde os dezassete anos tinha, efectivamente, tirado as minhas conclusões quanto ao futuro: mais valia fazer as escolhas de vida por mim própria e decidir sozinha a direcção a seguir pois, se deixasse Deus tratar disso, a minha vida tornar-se-ia um calvário. Entraria directamente em depressão. Qual a razão deste pensamento? Porque cada vez que se evocava a vontade de Deus à minha volta, era sempre por ocasião de uma catástrofe.

- Oh, ela ainda não tem trinta anos e já está viúva, com crianças pequenas...Mas se foi a vontade de Deus, Ele lhe dará a força para ela assumir!

- Oh, este homem tão gentil sofre de uma doença mortal, não tem mais que dois meses de vida...Temos que rezar bastante por ele, para que tenha a coragem de aceitar esta prova, foi a vontade de Deus... - Que pena, esta criança nasceu doente, nunca vai ver nem ouvir, que cruz para os pais. É a vontade de Deus, é preciso aceitá-la!

Durante toda a minha infância, não me lembro de ter ouvido falar de qualquer relação entre a felicidade e os desígnios de Deus. Se um casal se ama e vai casar dentro de pouco tempo e se nadar em felicidade, por que não se há-de evocar o belo plano de Deus para a sua vida? Mas não, falar-se-á de Deus na vida deste casal até que este seja atingido por um infortúnio.

Aos vinte anos, procurava o meu caminho na obscuridade e no sofrimento. Qual a razão da minha existência? Não fazia a menor ideia! É certo, o esplendor do Cristianismo fascinava-me, e a pessoa de Cristo permitia-me conceber dimensões infinitas e um potencial inaudito de felicidade. Mas concretamente, como inserir isso na minha vida de estudante? Como ligar-me a este esplendor perceptível por momentos, certamente mais real que o sol, mas como que inatingível ao meu coração fechado, preso na noite?

Comprazia-me a ler as histórias vividas pelos Apóstolos e pelos primeiros cristãos, relatadas nos *Actos dos Apóstolos*. A sua fé movia montanhas e eles podiam confessar sem vergonha: «*O Espírito Santo e nós decidimos*»¹...porque a força viva do Espírito Santo assistia-os em todas as circunstâncias. Milagres e prodígios sucediam-se pelas suas mãos – certamente, as provações pejavam o seu caminho mas eles tomavam-nas com alegria, e finalmente, eram vencidas pelo amor. Ao ler estas narrativas, uma pequena chama vibrava bem no fundo do meu coração como se eu aí encontrasse o modo de vida para o qual eu estava feita da cabeça aos pés. Aventura, amor, paixão, alegria, a presença tangível do Céu a cada passo... aceito!

Tinha então, feito um pacto com Deus, tendo a esperança de O sacudir um pouco enquanto O provocava:

- Senhor, onde estão, hoje, esses apóstolos? Onde estão, estas novas testemunhas tão impregnadas de ti, que as pessoas se aglutinam para apenas lhes aflorar o ombro e ficarem curadas?! E esse *Filipe* que o Espírito Santo arrebatava para que possa evangelizar e baptizar um pagão que passa na estrada? E esse *Paulo* que pela sua palavra de fogo faz abraçar a fé a milhares de judeus? E esse *Pedro* que faz descer uma super dose de Espírito Santo sobre os pagãos ignorantes, aquando dos seus discursos? Senhor, eis aqui a vida cristã que eu procuro! E eu prometo-Te: no dia em que me mostrares esses apóstolos deixarei tudo e irei com eles!

O meu livro de vida em sânscrito?

Nessa manhã, quando cheguei a casa do hindu não imaginava qual o impacto que essa visita teria sobre mim. Tinha sido um ministro de Estado de Punjab que me o tinha recomendado vivamente, dizendo:

- Se quer trabalhar vinculada ao Ministério do Comércio e importar para França o nosso artesanato, precisamos de verificar se isso consta do seu mapa astral. Sem o que, o projecto não terá pernas para andar e mais vale desistir dele de imediato. Tenho um amigo muito considerado no bairro antigo de Deli, trabalhou na Casa Branca para o Presidente X e também para a Senhora Indira Gandhi. Ele possui dons excepcionais e, como sabe certamente, muitos dos chefes de Estado consultam astrólogos hindus para melhor governarem o seu país.

Eu tinha vinte e quatro anos, tinha de tomar uma decisão a nível profissional, a proposta seduzia-me. Efectivamente, o meu projecto consistia em importar para Paris belos objectos de artesanato fabricados na Índia, para poder viver durante longos períodos na Índia.

- Adjudicado! O ministro acompanhou-me a casa do senhor. Mal cheguei, o homem mandou-me sentar e, sem rodeios, perguntou-me sobre o local, data e hora do meu nascimento. Depois, traçou numa folha desenhos esquisitos que nada tinham a ver com o que eu conhecia dos temas astrais do Ocidente (No colégio interno, tinha sido iniciada desde os quinze anos tanto na prática da astrologia como na do espiritismo, e algumas

amigas da turma não davam um passo sem consultar com antecedência, os astros ou as cartas de tarot, ou sem interrogar os espíritos que se manifestavam no momento em que «fazíamos girar as mesas»). Os meus pais e as freiras que se ocupavam deste bom colégio interno católico ignoravam tudo o que se passava nos bastidores durante as nossas horas vagas...

O homem não sorri e a sua circunspeção torna-se mesmo pesada. O entusiasmo ingénuo que me tinha impelido a vir consultá-lo diminui rapidamente e transforma-se numa expectativa um pouco agitada. O homem agarra no seu papel e levanta-se.

- Espere-me um segundo, diz-me, vou procurar o seu *livro de vida* na minha biblioteca.

Ele volta, trazendo, efectivamente, nas mãos folhas velhas e amareladas mal encadernadas.

- Este livro foi escrito há muito tempo em sânscrito, diz-me ele, tenho-o desde sempre na minha biblioteca, guardava-o para si, já sabia que viria. Vou lê-lo para si, é o seu *livro de vida*...

Olho com desconfiança esta estranha antiguidade e interrogo com o olhar o meu Ministro:

- O meu *livro de vida*?

Este consente e, a partir destes textos em sânscrito, o astrólogo hindu põe-se a traçar as grandes linhas da minha vida passada, ano após ano, desde o meu nascimento. Menciona a minha situação familiar, a ordem de nascimento dos meus irmãos e irmã, a situação do meu avô, e passa em revista não só as minhas doenças de infância (que eu ignorava na altura), mas também o meu nível de estudos, o meu QI, a minha vida afectiva, a minha busca espiritual... Descreve algumas pessoas-chave que tiveram ou ainda têm um lugar importante na minha vida, etc. Depois, chegado ao ano dos meus vinte e quatro anos, continua lançado. Como eu tinha vinte e quatro anos, o seu discurso torna-se uma predição do meu futuro.

Sentia-me cada vez mais constrangida. O homem tinha um olhar penetrante, como que metálico. Não emanava qualquer calor, ele possuía mesmo a fealdade que transmite um clarão de ódio nos olhos. Ele evocou os pontos mais íntimos da minha vida como se tirasse conclusões matemáticas, visto que explicava cada elemento, cada acontecimento da minha história segundo a posição e a trajectória dos astros. « Se fez tais estudos, foi porque Marte se aproximava de Júpiter. Nesse momento, Saturno girava por aqui e a Ursa Maior por ali (já não me lembro das suas descrições astrais, mas a ideia era esta), daí a razão por que se sentiu atraída por tal pessoa em tal momento.» Resumindo, este profissional de astrologia fez-me compreender que o decurso da minha vida dependia dos astros.

Chegado aos meus trinta anos (entretanto já tinha descrito seis anos do meu futuro), o homem levantou-se e disse-me:

- O livro acaba aqui, vou procurar a continuação na minha biblioteca.

Aí fui-me abaixo. Aproveitei este espaço de tempo para eu própria me levantar.

- Não, digo-lhe, fica assim mesmo, não vale a pena conhecer o seguimento da minha vida! Agradeço-lhe, vamos embora...

O Ministro admirou-se com a minha decisão e disse ao seu amigo de um modo atabalhoado e pouco distinto algumas palavras explicativas sobre o comportamento dos estrangeiros que nem sempre entendem a riqueza da cultura hindu... No entanto, trouxe-me a casa com gentileza.

O sol estava no zénite quando saí da casa e o choque da luz esmagando a ruela populosa faz-me acordar para a realidade. Mas tive de me render à evidência: já não era a mesma. Era em vão que tentava convencer-me: «Não é nada, não tem qualquer importância»... não consigo encontrar a paz. Aquele homem tinha-me simplesmente injectado, de uma forma subtil, uma dose de veneno e uma angústia brotava do mais profundo do meu ser. De regresso a casa dos meus amigos de Nova Deli, desatei a chorar à frente deles, que eram para mim como uma segunda família. Nem a amizade, nem as suas palavras de reconforto, nada consegui arrancar de mim esta flecha envenenada que me tinha atingido.

O homem fez de mim órfã. Tinha perdido o meu Pai. Antes, acreditava N'Ele, meu Criador, minha fonte, minha raiz, minha origem. Acreditava que Ele segurava o mundo em Suas mãos e que o amor teria a última palavra. Sabia que a minha verdadeira morada era N'Ele. E eis que o homem me tinha demonstrado com brio que não era nada disso, que a minha vida era devida a uma série de acontecimentos planetários totalmente impessoais. Vi-me à mercê destes astros, dos quais tudo ignorava, destas grandes coisas frias, longínquas e inacessíveis, e já sentia frio pelas costas. O homem tinha citado com exactidão os pontos importantes da minha vida passada, relacionando-os com os astros; como poderia então o meu futuro desenhar-se na liberdade do meu coração? O homem tinha-me imposto um jugo que me revoltava e me assustava. Não o queria, mas não tinha escolha. Estava prisioneira da fatalidade.

De regresso a França retomei as minhas actividades mas, de dia para dia, o meu interior degradava-se. Dantes tinha um temperamento positivo, mas a partir desse dia um cancro secreto minava pouco a pouco a minha esperança. Manifestavam-se sintomas estranhos. À noite, por exemplo, acordava e começava a proferir palavras de ódio contra este ou aquele, sem motivo. Estava a perder o apetite e o meu corpo a enfraquecer. Sobretudo, um sofrimento indefinível arrancava-me o coração e, no silêncio constante da noite, este mal tornou-se intolerável. Depois de nove meses deste modo de vida, atingi a linha de demarcação que separa a vida da morte, e o suicídio impôs-se ao meu espírito.

Não irei além das cinco horas da tarde

Um belo dia de Junho de 1973, a minha irmã Marie-Pia visitou-me. Apesar de tentar esconder-lhe o meu jogo, ela apercebeu-se do meu estado de angústia e disse-me:

- Emmanuelle, amanhã é o dia de Pentecostes, vem comigo, encontrei um grupo de oração fabuloso, eles vão fazer um grande encontro em honra do Espírito Santo! Vem, o Espírito Santo fará alguma coisa por ti!

- O teu Espírito Santo é muito gentil, mas não me pode valer!

A minha irmã partiu consternada, mas deixou-me, no entanto, a morada do encontro.

Essa noite foi um inferno. Fui como que dilacerada e esmagada interiormente. De manhã já não podia encarar a ideia de continuar a viver. Tornava-se-me impossível a ideia de assistir à passagem sucessiva das longas horas deste dia. Fiz, portanto, a minha última prece a Deus, uma oração das mais pequenas, se as houver, mas também das mais sinceras:

- Senhor, Tu vês, já não posso viver nem mais um dia. Já não vou chegar até às 5 horas desta tarde. Estou-Te a avisar. Acabou!

Não vale a pena precisar aqui qual o método que eu tinha em mente para desaparecer...

Ao levantar-me, em vez de andar às voltas no apartamento, fui impelida a sair para ver a minha irmã. Chegada à Rua da Assunção (no 16º bairro), encontrei umas trinta pessoas

que pareciam pertencer a um outro mundo. A Marie-Pia não se tinha enganado, este grupo era fabuloso: a sua alegria, a sua liberdade, o calor do seu amor, os seus risos... Imediatamente, uma palavra surgiu no meu espírito: *Ei-los!* Sim, eis os famosos primeiros cristãos, estes apóstolos que eu tanto desejava encontrar em carne e osso!

Demasiado tarde! Via-os, mas como num filme. Havia entre mim e eles um fosso intransponível. Eu já estava do outro lado, nesse vale da morte espiritual que nenhum braço compassivo podia atingir. Já tinha assinado a minha execução. Estava doente por dentro. Às 5 horas já cá não estarei. Eles, eles estavam na luz, tanto melhor para eles!

Seguia a minha irmã por todo o lado como um cãozinho e já não controlava o meu mar de lágrimas. Todas as pessoas reparavam. Pouco me importava, era assim mesmo! Elas rezavam como anjos, mas dentro de mim, uma palavra negativa fazia eco à mensagem delas:

- Senhor, a minha vida não será suficientemente longa para Te louvar, clamavam elas com uma alegria não dissimulada.

- A minha já durou o bastante!

Uma pessoa que caminha para a morte

Após o almoço e depois de algumas partilhas, das quais me mantive afastada, houve uma nova assembleia de oração espontânea. Eram 15 h 30. O meu fim estava próximo, tinha dito a Deus: 17 horas. Sentei-me com eles como um autómato, no maior dos desesperos. Já não prestava qualquer atenção às suas orações. Por volta das 16 horas, chegou uma senhora e sentou-se com o grupo. Vinha bastante atrasada e não tinha seguido absolutamente nada do programa. Chamava-se Andrée T. Não reparei nela. Entre os trinta católicos presentes nesse dia, ela era a única protestante. Mal chegou, começou a agitar-se na cadeira. Qualquer coisa não estava bem... Nosso Senhor acabava de lhe dar uma luz, e era necessário que ela o dissesse perante todos! Todos os temores abatiam-se sobre ela, o medo de ser julgada dada a enormidade do que tinha para dizer... E se ninguém lhe prestasse atenção?!

Prostrada como uma pobre coisa apatetada, cabisbaixa, eis que fui arrancada do meu marasmo por uma voz de trovão que brotou do grupo. No meio das belas orações, a mensagem caiu como um cabelo na sopa. O tom era dramático. Era Andrée que, não aguentando mais, partilhava com autoridade o que o Senhor lhe tinha mostrado:

- Irmãos e irmãs, há entre nós uma pessoa que caminha para a morte. Esta pessoa deixou-se enganar pelo Inimigo, e fez o que desagrada a Deus. Praticou o espiritismo e a adivinhação, e Satanás amarrou-a. Mas Cristo tem o poder de a libertar das mãos do Inimigo e de lhe restituir a vida. Ela pode vir ter connosco e rezaremos por ela sob o poderoso Nome de Jesus...

A assembleia estava consternada. Pela minha parte, desde as primeiras palavras da mensagem « uma pessoa que caminha para a morte », o meu coração começou a bater descompassadamente. Tratava-se de mim, era evidente! Será que Deus tinha mostrado o meu estado de alma a esta senhora que nunca me tinha visto? E o que queria ela dizer com «ela fez o que desagrada a Deus?»

Foi a minha vez de me agitar na cadeira, pois estava a ficar impaciente. Desejava vivamente o fim da oração para poder ir ao encontro desta senhora!

Já passava das 16 h 30 quando enfim terminou o cântico final; então, precipitei-me na direcção desta desconhecida.

- A senhora falou de alguém que caminha para a morte...

Andrée acolheu-me como aqueles verdadeiros enviados de Deus: sem delicadeza inútil, vão directos ao assunto com seriedade, conscientes que a situação não lhes pertence e que há vidas que estão em jogo.

- Ah, és tu! Bom, vem por aqui... Então que fizeste?! Estiveste do lado do Inimigo, foste ver astrólogos e adivinhos, foi isso? Colocaste questões aos espíritos dos mortos, fizeste girar as mesas.

- Sim, fiz isso desde a adolescência, com as minhas amigas, não sabia que...

- Mas está escrito na Bíblia! Deus preveniu o Seu povo, tudo isso é uma coisa abominável aos Seus olhos! Acreditas em Cristo? - Sim, sou cristã.

- Bom, espera que eu chame duas ou três pessoas para rezarmos sobre ti. Não quero fazer isto sozinha, Cristo disse: « *Quando dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, Eu estou no meio deles.* »(Mt 18,20)

Jesus tem o poder de desfazer as tuas amarras

Estávamos no mês de Junho. Andrée levou-me para o jardim florido das Irmãs da Assumpção. Havia lá um banco. Vendo o meu esgotamento, mandou-me sentar mas ela ficou de pé com os seus ajudantes que me rodeavam. Encontrava-me na situação mais inverosímil, uma vez que que eles começaram a cantar em línguas, logo no início. Perguntava-me a mim própria, onde tinha ido parar!

Andrée dirigiu as operações com mãos de mestre e colocou-me a questão da confiança, que iria ser determinante, caso houvesse lugar a vitória:

- Tu colocaste-te nas garras do Inimigo. Ele amarrou-te e tortura-te. Tinha como finalidade matar-te. Mas Jesus venceu-o na Cruz. Acreditas, hoje, que Jesus tem o poder de desfazer as tuas amarras para que sejas livre de caminhar na luz?

Fiquei estupefacta perante a questão. Olhei Andrée, esta mulher muito simples, de aparência até pobre, que pesava seguramente mais de cem quilos. A sua fé de criança estava prestes a mover montanhas. Eu tinha vinte e cinco anos e era a primeira vez que ouvia falar de Jesus desta maneira. Um Jesus que me ia fazer bem, a mim? E ainda hoje? Como no Evangelho?

- Sim creio!

A minha voz era tímida porque, na verdade, eu teria querido crer mais do que cria.

- Bom, vamos fazer uma oração de libertação... Os demónios que aceitaste em ti, vão ser expulsos pelo poder do Nome de Jesus...

Não tinha, nessa altura, qualquer ideia do que esta linguagem - nova para mim - poderia abranger. Imaginava o meu coração como uma caixa onde teria deixado entrar salteadores e, ao Nome de Jesus, estes salteadores iriam partir.

- Sabes, Andrée, mesmo se Jesus me libertar, ainda assim, prefiro morrer. Os demónios fizeram tantos estragos no meu coração que já não posso suportar este sofrimento.

Andrée não se deixava vencer tão facilmente, era uma evangelizadora que já tinha visto outros!

- Mas se acreditas que Jesus tem o poder de expulsar demónios que te feriram, não acreditas que Ele também detém o poder de curar as tuas feridas?!

Novo choque sobre a identidade de Jesus. Ele poderia curar-me, a mim? E agora? Que ideia mesquinha tinha feito D'Ele até à data: um Salvador, sim, mas que um dia (em qualquer dos casos não hoje) tinha salvo toda a humanidade (um preço por atacado). E eis-Lo que de novo se assemelhava ao do Evangelho, Aquele que tinha curado alguém nesse dia, ao pôr-do-sol... O meu Salvador pessoal que estava bem vivo, e hoje!

- Sim, acredito que Ele me pode curar!

- E tu comprometes-te a não mais praticar todas essas abominações? Porque cuidado! Porque se recommences acontecer-te-ia ainda pior! Escuta... Ela pôs-se a ler o Deuterónimo 18, 9-14 :

*«Quando tiveres entrado na terra, que o Senhor, teu Deus, te há-de dar, guarda-te, não queiras imitar as abominações daquelas gentes; nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo; nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, ou encantador, nem quem consulte aos pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade. Porque todas estas coisas abominam o Senhor, e, por semelhantes maldades exterminará Ele estes povos, à tua entrada. Tu serás perfeito, e sem mancha, perante o Senhor, teu Deus. Estas nações, cujo país tu possuirás, ouvem os agoireiros e os adivinhos: tu, porém, foste instruído de outra sorte, pelo Senhor, teu Deus. »*² E explicou-me, ponto por ponto, o sentido de cada versículo. Foi com dificuldade que arranjou o vocabulário para se exprimir, de tal forma era simples; mas para as coisas de Deus, tinha uma inteligência espiritual espantosa.

- Podes contar comigo, disse-lhe, não farei duas vezes a mesma asneira!

Não havia tempo a perder. André e as suas companheiras começaram a bendizer o Senhor na alegria e na confiança. Depois André intercedeu com fervor pela pecadora que eu era e ordenou aos demónios (que citou um a um) que me deixassem. Ela também destruiu o vínculo da maldição que este adivinho hindu de Deli me tinha imposto e que me aniquilou implacavelmente. Depois de novos louvores e bênçãos, o silêncio. Tinha terminado.

- Acabou, disse-me ela, podes juntar-te ao grupo para a Missa. Mas continua a bendizer o Senhor e a colocar-te sob o Seu Precioso Sangue. Precisas da Sua protecção! Nunca esquecerei o preciso momento em que me levantei daquele banco. Durante a oração, não tinha experimentado qualquer abalo, nenhuma emoção nova, nada. Mas uma vez de pé, compreendi que o meu sofrimento tinha acabado! A minha angústia mortal tinha desaparecido! Eu punha e repunha a minha mão no meu coração como alguém que apalpa o seu casaco para procurar os óculos ou a carteira. O meu sofrimento desapareceu! Sumiu! Jesus tinha realmente passado... Tinha feito o Seu trabalho de Salvador e restituiu-me a vida!

No meu relógio, eram 5 horas da tarde...

Tinha encontro marcado com a morte mas, na hora H, foi o Deus Vivo que veio a mim e não a morte. A minha pobre existência arruinada tinha, então, basculado nos braços da vida. Sentia o Bom Pastor junto de mim, tinha descido ao meu fosso sórdido e tinha-me retirado de lá, tomando no Seu próprio Corpo os meus ferimentos de morte. Sentia a Sua vida correr em mim como uma torrente de delícias. Todo o meu ser mergulhava na alegria de uma Ressurreição!

Jesus, o meu maior amigo

Nessa tarde dei a minha vida a Deus:

- Senhor, hoje o meu plano era morrer. Mas Tu, tomaste sobre Ti a minha morte e deste-me a Tua vida. Então Senhor, esta vida que me resta para viver na terra, entrego-Ta inteiramente a Ti. Toma-a!

Durante a Missa, ria de alegria! No fim, o pastor do grupo de oração propôs que algumas pessoas se aproximassem para receber a efusão do Espírito Santo. Uma pequena equipa impunha as mãos e rezava por cada um em particular. Eu repetia constantemente a Jesus que Lhe entregava a minha vida e, sob as mãos abençoadas destes irmãos maravilhosos, abri o coração ao Espírito Santo. Ele, então, tocou um ponto nevrálgico, o da minha cegueira espiritual, e recebi uma luz penetrante, clara como cristal: a vontade de Deus é vida, a minha vontade própria pode gerar a morte. Era incontornável, límpido!

Se, antes, tinha desconfiado da vontade de Deus e me tinha mantida afastada dela como de uma avalanche de infelicidades, eis que nesse momento, pelo contrário, prezava-a e procurava-a com todo o meu ser, porque era vida! Nessa tarde, concebi um temor, o de não fazer a vontade de Deus. O Espírito Santo tinha-me feito aceder a um dos Seus tesouros, aos Seus sete dons, especialmente aquele que se chama “ o temor a Deus “. Temor de desagradar Àquele que amamos!

Nessa noite, dormi como um recém-nascido sobre o coração da sua mãe, e a partir do dia seguinte, começava para mim uma vida totalmente nova. A minha felicidade era tão grande que, mesmo nas ruas de Paris, saltava de alegria no selim da minha motocicleta! Jesus tinha-se tornado o meu maior amigo, consultava-O por tudo e por nada, para a mais pequena decisão a tomar, e Ele guiava-me.

Uma sólida limpeza interior

Ia muitas vezes a casa da Andrée T. Que exercia à época um ministério de libertação e de evangelização em determinados bairros desfavorecidos de Paris, sobretudo entre as prostitutas. Juntamente com Paul, seu marido, pertencia a uma assembleia pentecostal muito viva em Auteuil, e ambos gostavam de vir de mansinho ter connosco, os católicos, com uma verdadeira preocupação « da unidade de Cristo ». Eles viviam num lugar retirado e de tal modo pobre que Andrée mal tinha espaço para circular à volta do fogão. Mas para mim, era um pequeno canto do paraíso! Ela conhecia tão bem a sua Bíblia, que para cada situação evocava um versículo: « Cristo disse..., Paulo disse, Moisés disse... » e ela dava-nos a conhecer, continuamente, pequenos trechos de luz. Eu saciava então a minha alma e o meu coração e partia com uma alegria de mover montanhas.

Pouco tempo depois da minha « libertação», ela explicou-me - à sua maneira - o que devia ter-se realmente passado comigo, com aquele astrólogo na Índia, pois eu estava admirada pelos seus conhecimentos. Como podia ele ler a minha vida passada num velho livro? Como podia ele ter o livro da minha vida na sua biblioteca?

- Tu deixaste-te enganar pelo Inimigo, disse-me Andrée. Ele mentiu-te com todas as letras e tu, não podias compreender porque não conheces bem a palavra de Deus! Deus bem preveniu o Seu povo!

Então, ela ensinou-me o famoso capítulo 18 do Deuteronómio sobre os profetas, que eu lia pela primeira vez na minha vida católica (nunca o ouvi ser citado numa igreja).

- Vês, acrescentou ela, por ignorância foste ter com o Inimigo, estiveste no seu campo, pactuaste com as suas abominações. Ele aproveitou-se da situação para te prender! O adivinho era o seu instrumento, foi-lhe fácil agir contra ti porque estavas aberta às suas mentiras. Não deverias ter sido tão ingénua! Quantos jovens vão aos adivinhos, aos astrólogos e ficam obcecados, depressivos, suicidas! O livro que ele tinha não era, na realidade, senão um suporte à adivinhação.³ Era *bluff*! Recebia informações de Satanás e fingia que lia. De qualquer dos modos não vais crer que um hindu tenha escrito a tua vida em sânscrito há mais de mil anos! Mas Satanás conhece o teu passado, é um anjo, portanto é-lhe fácil! Ele não conhece o teu futuro, mas é inteligente e pode supor determinadas coisas em função do passado e do presente. O que te disse é falso⁴. A sua palavra é uma palavra de morte que conduz à morte. O seu plano era de te matar interiormente. Ele lançou-te um sortilégio através da sua palavra e deixaste de ser livre. Foi Cristo que desfez as tuas amarras quando se invocou sobre ti o Seu Santo Nome e o Seu Precioso Sangue. Cristo possui as palavras da Vida Eterna e se guardares a Sua Palavra, permaneces N'Ele. Se as mentiras deste adivinho voltarem ao teu espírito para te perturbar ou para te angustiar, rejeita-as e confessa com fervor que pertences a Cristo. Louva o Santo Nome de Jesus e abriga-te sob o Seu Preciosíssimo Sangue. O Inimigo fugirá.

Com André, as minhas descobertas sobre o poder de Cristo e sobre a demonologia eram de certo modo empíricas. Lia o Evangelho e a vida dos Santos de um modo completamente novo, porque estas realidades, podia-as doravante tocar, reconhecê-las na minha vida de todos os dias. Jesus tinha-se tornado vivo!

No dia seguinte à minha libertação, falei a André e Paul do meu irmão Bruno que também sofria de angústias terríveis provenientes, como eu, de várias asneiras e desvarios da sua parte. Ela concordou rezar por ele e de se ocupar do seu caso. Com a minha irmã Marie-Pia, elaborámos, então, um cenário de dois episódios: primeiramente, a minha irmã devia escrever-lhe uma carta informando-o que tinha descoberto pessoas como se viam na Igreja primitiva e que ele ficaria surpreendido de as conhecer. Quanto a mim, depois de ele ter recebido a carta, devia telefonar-lhe, como que por acaso, para lhe dizer a mesma coisa e contar-lhe a viragem de felicidade que tinha tomado a minha vida. O golpe funcionou! À ideia de um benefício, o meu irmão aceitou o *deal* sem qualquer resistência. No dia seguinte, apresentava Bruno a André e ao Paul. Nesse dia vi a conversão profunda do meu irmão, que se agarrou a Cristo de todo o coração para não mais O largar. Ele também beneficiou de uma sólida limpeza interior graças aos bons cuidados da nossa querida André. Ele também compreendeu que Jesus era um verdadeiro Salvador bem vivo! A partir desse dia, éramos três companheiros a ocuparmo-nos da restante família. Nosso Senhor abençoou abundantemente as nossas iniciativas de recém convertidos, desfazendo os nós um por um... estes velhos nós de família bem apertados, tão difíceis de trazer à luz e de desfazer.

Somos «resgatados» da Misericórdia. Tendo provado o fruto amargo das trevas, tendo amaldiçoado o dia do nosso nascimento e a florado a morte de perto, damos graças hoje Àquele que - ao derramar o Seu Sangue na Cruz - nos fez passar da morte para a vida.

1. Act 15,28

2. Sobre os temas do Yoga, da Meditação Transcendental, do Zen, da Reincarnação, das curas por radioestesia ou por Reiki, Magia, Espiritismo, religiões orientais, New Age etc., oiçam os excelentes CD do Padre Joseph Marie Verlinde, especialmente, o seu próprio testemunho: *Hindouisme et Occultisme, un témoin raconte*. Ler *L'expérience interdite*, Ed. St Paul, 1998. Famille Saint Joseph, F 69380 Chasseley, tel. 04 78 47 35 26, fax: 04 78 47 36 78; site: www.fsjinfo.net ou www.final-age.net

3. Os adivinhos utilizam muitos outros suportes, como borras de café, a bola de cristal, as cartas etc.

4. Com efeito, nenhuma previsão do adivinho se comprovou ser exacta, depois de Andrée me ter libertado. Resumindo, o Mentiroso tinha-me bem enganado e o meu Salvador tinha um plano bem melhor para mim!

Mensagem de 25 de Novembro de 1997

«Queridos filhos, hoje, chamo-vos para compreenderdes a vossa vocação cristã. Queridos filhinhos, guiei-vos e guio-vos durante este tempo de graça para que vos torneis conscientes da vossa vocação cristã. Os Santos mártires morreram ao dar este testemunho: «sou cristão e amo a Deus acima de todas as coisas.» Queridos filhinhos, hoje ainda, convido-vos a vos alegrardes e a vos tornardes cristãos alegres e responsáveis, conscientes que Deus vos chamou a vos tornardes, de uma maneira muito especial, mãos que se estendem para aqueles que não crêem e que através do exemplo da vossa vida, recebam a fé e o amor de Deus.»

82

A PEQUENA LI

Quando em 1979, Deus chamou a Si o Seu servo Fulton Sheen ¹, milhões de Americanos choraram-no e sentiram-se órfãos. Durante anos, através de todos os meios mediáticos possíveis, estiveram suspensos nas suas palavras, fascinados. Dotado de um carisma raríssimo, Mons.Sheen acumulava, não só, a eloquência natural, como também o poder do Espírito Santo. Ao ouvi-lo, sabiam, então, que Jesus estava vivo, magnífico e desejado. O Bispo Sheen propagava uma tal luz que todas as rádios o disputavam, seguros de que ele faria subir vertiginosamente os maiores níveis de audiência registados até então. A sua famosa série televisiva «A vida vale a pena ser vivida» registava cerca de trinta milhões de telespectadores por semana ².

Este grande Arcebispo, este gigante da evangelização, tinha um segredo. Como todos os grandes homens, os verdadeiros, ele estava secretamente unido a um encontro, a um episódio da sua vida em que a graça o tinha atingido e do qual ele não se desviava, nem por todo o dinheiro do mundo. Mas para compreender este episódio, precisamos de partir para a China, para a época mais cruel de repressão comunista, nos anos cinquenta...

Pequenos passos de chinesa...

Numa escola paroquial, as crianças rezam compenetradas as suas orações; a Irmã Euphrasie está satisfeita: há dois meses, muitos conseguiram fazer a Primeira Comunhão, e fizeram-na com sentimento, do fundo do coração. Ela sorri à pergunta da pequena Li, de dez anos:

-Porque é que Nosso Senhor não nos ensinou a dizer: «Dai-nos, Senhor, o arroz de cada dia»?

As crianças comem arroz de manhã, à tarde e à noite, como responder a uma tal questão?

-É que...o pão significa Eucaristia, respondeu a religiosa.

Na verdade, a Irmã Euphrasie brilhava mais pelo seu coração do que pela Teologia!

-Pedes ao Bom Jesus a Comunhão quotidiana. Para o teu corpo, tens necessidade de arroz. Mas a tua alma que vale mais do que o corpo, tem fome deste pão que é o Pão da Vida!

No mês de Maio, quando Li fez a Primeira Comunhão, disse a Jesus com todo o seu coração:

-Dá-me sempre o Pão de cada dia, para que a minha alma viva e se porte bem!

Desde então, Li comunga todos os dias. Mas tem consciência de que os «maus» (os sem-Deus comunistas) podem, a qualquer momento, impedi-la de tomar Jesus na Comunhão. Então, reza ardentemente para que isso nunca aconteça. Eles já foram uma vez à sala de aula e disseram às crianças:

-Dêem-me todos os vossos ídolos!

Li sabia bem o que isso significava. Aterrorizadas, as crianças tinham tido de entregar as suas imagens pias. Depois, num gesto de cólera, o Comissário arrancou o crucifixo da parede e atirou-o ao chão, pisando-o gritava:

-A nova China já não tolera estas estúpidas superstições!

A pequena Li, que gostava tanto da sua imagem do Bom Pastor tentou escondê-la na sua blusa. Era a imagem da sua Primeira Comunhão! Uma bofetada sonora fá-la perder o equilíbrio, e cai no chão. O Comissário chamou o pai da criança e entreteve-se a humilhá-lo antes de o prender.

Nesse mesmo dia, todas as pessoas da aldeia foram levadas pela polícia e ficaram amontoadas na igreja para um novo tipo de «sermão» vociferado pelo Comissário, ridicularizando os missionários e os «agentes do imperialismo americano»...Depois, com uma voz de trovão, ordenou às milícias para desmantelar o sacrário. A assembleia sustém a respiração e reza com fervor.

Voltado para a multidão, o homem grita:

-Agora vamos ver se o vosso Cristo sabe defender-se. Eis o que faço com a vossa «Presença Real». Truques do Vaticano, para os explorar melhor!

Ao dizer isto, agarrou no Cibório e atirou para o chão todas as hóstias. Os fiéis, siderados, recuaram abafando um grito.

A pequena Li fica imóvel. Oh, o que fizeram com o Pão! O seu pequeno coração recto e inocente começou a sangrar perante as hóstias espalhadas pelo chão. Não haveria ali ninguém para defender Jesus? O Comissário faz troça, com um riso grosseiro entrecortado pelas suas blasfémias. Li chora em silêncio.

-E agora, daqui para fora, ponham-se a andar! grita o Comissário, e ai daquele que se atreva a voltar a este antro de superstições!

A igreja esvazia-se. Mas, para além dos Anjos adoradores sempre presentes à volta de Jesus-Hóstia, uma testemunha mantém-se ali não perdendo pitada da cena que se desenrola diante dos seus olhos. É o Padre Luc, das Missões Estrangeiras. Escondido pelos paroquianos numa divisão exígua do coro, que possui uma abertura que dá para a igreja. Ele mergulha numa oração reparadora e sofre por não poder mexer-se. Um gesto da sua parte e os seus paroquianos, que ali o esconderam são presos por traição.

-Senhor Jesus, Tende piedade de Vós Mesmo, reza angustiado, impedi este sacrilégio! Senhor Jesus!

De repente, um ranger quebra o pesado silêncio da igreja. A porta abre-se devagarinho. É a pequena Li! Ela tem apenas dez anos e ei-la que se aproxima do altar, com os seus pequenos passos de chinesa...O Padre Luc teme por ela. Podem-na matar em qualquer momento! Mas ele não pode comunicar com ela, só pode apenas observar e suplicar a todos os Santos do Céu que poupem esta criança. A criança prostra-se e adora em silêncio, como lhe ensinou a Irmã Euphrasie. Ela sabe que se deve preparar o coração antes de receber Jesus. Com as mãos postas, dirige uma misteriosa oração ao seu querido Jesus, maltratado e abandonado. Depois, o Padre Luc vê-a baixar-se e de gatas, apanha com a língua uma hóstia do chão. Ei-la agora de joelhos, com os olhos fechados e virados para o interior para o seu visitante Celeste. Cada segundo passa vagarosamente, o Padre Luc teme o pior... Se somente pudesse falar-lhe! Mas a criança vai embora silenciosamente como tinha chegado, quase saltitante.

As «baixas» continuam e abrigada dos serviços da ordem vasculham minuciosamente toda a aldeia e os seus arredores. Tal é o destino da «Nova China». Entre os camponeses, ninguém ousa mexer-se. Abrigados nas suas cabanas de bambu, ignoram qual vais ser o seu futuro.

No entanto, todas as manhãs, a nossa pequena Li escapa-se ao encontro do seu Pão Vivo na igreja e, reproduzindo exactamente a cena do dia anterior, toma uma

hóstia e desaparece. O Padre Luc suporta com impaciência a espera: por que razão não as toma todas? Ele sabe o número das hóstias: trinta e duas. Será que ela não sabe que pode tomar várias ao mesmo tempo?

Não, ela não sabe. A Irmã Euphrasie tinha sido bem explícita: «uma só hóstia por dia é suficiente! E não se toca na hóstia, recebemo-la com a língua!» A pequena actua de acordo com as regras.

Até que chega o dia em que só resta uma hóstia. Ao amanhecer, a criança escapa-se, como de costume, para a igreja e aproxima-se do altar. Ajoelha-se e reza junto da hóstia. Então, o Padre Luc abafa um grito.

Um miliciano, em pé, junto à ombreira da porta, dispara o revólver. Ouve-se um bater seco, seguido de uma grande gargalhada. A criança rola no chão imediatamente.

O Padre Luc julga-a morta, mas não, vê-a rastejar com dificuldade para a hóstia e colar a boca nela. Estremece com convulsões, seguidas de uma súbita imobilidade. A pequena Li morreu.

Ela salvou todas as hóstias ³!

Todos os dias uma «Hora Santa»

Dois meses antes de morrer aos oitenta e quatro anos, Mons. Fulton Sheen revelou finalmente o seu segredo ao grande público, numa entrevista a uma cadeia de televisão nacional.

-Vossa Excelência, perguntou-lhe o jornalista, inspirou milhões de pessoas no mundo inteiro, mas a sua quem o inspirou? Foi um Papa?

-Não foi nem um Papa, nem um Cardeal, nem um Bispo. Nem mesmo um padre nem uma religiosa! Quem me inspirou, foi uma pequena chinesa de dez anos.

Foi então que Mons. Sheen contou a história da pequena Li. Ele confiava, assim, o seu testemunho íntimo. O amor desta criança por Jesus na Eucaristia, acrescentou ele, tinha-o impressionado de tal modo que, nesse mesmo dia, fez a seguinte promessa a Nosso Senhor: todos os dias da sua vida, até morrer, acontecesse o que acontecesse, faria uma hora de Adoração diante do Santíssimo Sacramento. Ora, Mons. Sheen não somente cumpriu a sua promessa, como nunca perdeu uma oportunidade para promover o amor de Jesus na Eucaristia. Infatigável, convidava os crentes a fazer todos os dias uma «Hora Santa» diante do Santíssimo Sacramento.

Para ele, não havia qualquer dúvida: esta criança desconhecida e pobre, do interior da China, tinha sido a centelha que permitiu a enorme fecundidade do seu apostolado. Nesse dia, diante dos écrans da TV, toda a América compreendeu que os milhões de corações tocados por este grande pregador, fora obra da pequena Li! As inumeráveis conversões obtidas por este gigante mediático, fora ela e o seu

pequeno coração puro! Os milhões de adoradores, no seu posto, diante do Santíssimo Sacramento, conseguidos por este santo Bispo, fora ela e as suas trinta e duas visitas heróicas a Jesus lançado no chão! Este florescimento de consagrações e de vocações suscitadas pelo mais popular dos prelados americanos, fora ela, a pequena mártir chinesa, nas suas núpcias de sangue com o Cordeiro⁴ ...

Querida pequena Li, se te dediquei este livro, foi porque te tornaste a minha heroína preferida. Mas confesso-te, tenho uma outra razão um pouco interesseira: não acabaste o teu trabalho! Abre os olhos e vê: já não são trinta e duas hóstias que se espalham hoje pelo chão, mas milhares, milhões!

Todos os dias, dispara-se contra Jesus, faz-se troça D'Ele, é espezinhado. O número de seitas que profanam a Eucaristia prolifera. Todos os Domingos, em quase todas as paróquias, alguns fiéis comungam tendo graves pecados, daqueles que a Bíblia chama «abominações» e que dão a morte à alma. Jesus nunca foi tão torturado, pequena Li. Sem contar com a indiferença de tantos dos seus «escolhidos», absorvidos tantas vezes pelos assuntos do mundo e inconscientes do imenso amor com que são amados. Em França, quantos sacrários são abandonados, cheios de pó! E se queremos adorar, sentimo-nos feridos perante uma porta fechada. Na América, relega-se, muitas vezes, o sacrário para um canto da igreja, quando não é mesmo para a sacristia. Por vezes, os genuflexórios são mesmo tirados, e infeliz daquele que ousa ajoelhar-se durante a Consagração: é mal visto, e arrisca-se a ser excluído.

Na catequese, já não encontras Irmãs Euphrasie, as crianças são muitas vezes mal preparadas no conhecimento e amor de Jesus. Nas famílias, raros são os pais que falam abertamente de Jesus como o seu grande amigo. Pelo contrário, ignoram-N'O, então as crianças pensam que Deus não existe e perdem-se no ateísmo.

Poderia continuar por muito mais tempo, mas aí do Alto do Céu, vês tudo muito melhor do que eu. Não acabaste o teu trabalho, pequena Li! A bem dizer, durante o teu martírio de amor na China, não fazias mais do que iniciar! Vem ajudar-nos! Do mesmo modo que te colocaste ao lado do «Bispo Sheen», vem colocar-te hoje junto de todos os Padres, Bispos, Ministros Consagrados e Cristãos. Revela-nos O Menino escondido, O teu grande Amigo! Transmite-nos o teu amor puro por Jesus, o amor profundo e terno do teu coração inocente...

Medjugorje, 13 de Maio de 2006

Dia de Nossa Senhora de Fátima.

1. Ver fotografia no anexo.
2. Ele dizia «Se credes no impossível, acabarei por fazê-lo!»
3. A história da pequena chinesa é relatada no livro «Voleurs de Dieu » de Maria Winowska. Muito ligada à intelligentsia russa, polaca e chinesa durante os piores anos das perseguições, Maria conseguiu salvar do esquecimento tesouros no domínio da vida dos Santos polacos (Irmão Albert, Irmã Faustina, Padre Maximiliano Kolb)
4. Segundo Maria Winowska, a pequena Li era reservada de temperamento. Nunca falava! Tímida, preferia escutar.